

# CONVENIÊNCIA OU MORTE

**Jean Pierre Chauvin\***

*Resumo:* Expediente literário que remonta à Antigüidade greco-latina, a fábula foi resgatada por reconhecidos nomes da literatura – de La Fontaine a George Orwell – e usualmente empregada como mordaz instrumento em favor das críticas de cunho social e político. “La chèvre de M. Seguin”, de Alphonse Daudet, é um de seus mais belos contos encaixados nesse gênero.

*Palavras-chave:* Alphonse Daudet; liberdade; conveniência.

*como o fogo se aviva com o vento, também a nossa vontade se aguça com a privação ... não há nada que seja tão naturalmente contrário ao nosso gosto como a saciedade que provém da abundância; nem nada que tanto o desperte como a dificuldade e a raridade...*

(Montaigne, 1982, p.228)

**A** crítica francesa aceita pacificamente que Daudet integrou o *Félibrige*,<sup>1</sup> corrente literária de grande relevo constituída na Provença em meados do século XIX, que resistiu até os anos 50 do século seguinte.

Substancialmente, o movimento propunha-se restituir ao provençal seu atributo como língua literária – o que por si só antecipa o fato de estarmos diante de uma literatura de resistência. Seus escritores mais representativos somavam ao resgate do dialeto a descrição pictórica de elementos bucólicos.

A estratégia revelou-se eficaz: as pinturas da natureza, além de renovar artisticamente a paisagem daquela região, serviram como pretexto para severas críticas dos escritores aos reveses da urbanização cor de cinza, notadamente o alarde dos costumes urbanos, referendados por freqüentes alusões pessimistas à capital francesa.

\* Mestre pelo Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH-USP. Professor e coordenador pedagógico do Centro Integrado de Promoção Social – SP.

<sup>1</sup> O termo deriva de *félibre*, palavra de origem provençal que significa “doutor da lei”.

No capítulo introdutório à edição de *Lettres de mon moulin*,<sup>2</sup> de 1938, Charles Sarolea reivindicou a Alphonse Daudet lugar de honra dentro do *Félibrige*. Em meio aos elogios dirigidos ao contista, o crítico recordou outros medalhões pertencentes ao cânone literário “provençal” francês – Aubanel, Mistral e Roumanille<sup>3</sup> – evidenciando o intuito de justapor o primeiro em mesmo nível que estes.

Aproximando-nos aos dados biográficos do narrador-escritor, as “cartas” não só remetem ao fantástico mundo dos animais pensantes, mas, e principalmente, às implicações da tomada de consciência, ante as duras leis da convenção.

As descrições contidas nos vários contos de *Lettres de mon moulin* estabelecem estreitos vínculos entre o comportamento de homens e animais. Ambientadas em paisagens características da província francesa, as histórias são fortemente marcadas pelo elogio à natureza, e, ao mesmo tempo, por nivelar ambições de animais e seres humanos. Trata-se de fábulas que podem ser lidas tanto por crianças como por adultos; tanto ingênua como alegoricamente.

Em “Installation”, conto de abertura, o autor-narrador argumenta com veemência em favor da vida na Provença, imediatamente após oferecer uma descrição poética e realista dos coelhos que ocupam o seu moinho.

Dentre os textos lá reunidos, talvez o mais instigante seja “La chèvre de M. Seguin”, conto em que a prosa do escritor mais se aproxima do gênero poético, por meio da fusão idílica dos elementos “homem e animal” – vinculados respectivamente ao par “conveniência e liberdade” –, o que possibilita aos leitores transcender o papel usualmente reservado para além de uma mera apreensão das “cores locais”, expressão empregada reiteradas vezes por Sarolea.

O tema do conto poderia ser parafraseado em três palavras: “custo da liberdade”. Um pastor de cabras toma posse de seu sétimo exemplar. Em razão do desejo manifestado pelo animal de abandonar a propriedade, Seguin decide aprisioná-lo. Então, Blanquette logra escapar ao cercado para ser morta, poucas horas depois, pelo temido lobo da montanha.

Pastor e cabra dialogam por um breve intervalo; à noite, Blanquette é devorada pelo terceiro personagem, chamado simplesmente por “(le) loup” (o lobo), que ganha realce não somente pelo papel a ele reservado, mas por ser desprovido de nome. Afinal, assim como um nome individualiza, particulariza o ser denominado; assim como o nome encurta a distância entre os leitores e a cabra, o anonimato generaliza. Ao “loup” reserva-se a primazia de imperar sobre os outros seres. Ao lobo, simplesmente “lobo”, cabe premiar friamente as investidas dos animais que escapam à convenção, à domesticidade.

É que ele faz as vezes de carrasco. Sua atuação é funcional, dispensando maiores especificações. Além disso, o temor geral em relação ao mais forte não se refere necessariamente a um alvo específico: teme-se o poderoso; teme-se o lobo.

2 A coletânea foi publicada por Daudet em 1869, aos 29 anos.

(Escócia). Assim como Daudet, Théodore Aubanel, Frédéric Mistral e Joseph Roumanille eram íntimos da Provença francesa.

3 Charles Sarolea foi professor da Universidade de Edimburgo

A cabra representa o ambiente doméstico (daí a relevância de ser nomeada); seu antagonista personifica a selvageria. O Sr. Seguin, que já perdera meia dúzia de cabras da mesma forma, com o fim de dissuadir Blanquette da idéia de fugir, relembra a história de outra valente cabra:

*Tu sais bien, la pauvre vieille Renaude qui était ici l'an dernier? ... Elle s'est battue avec le loup toute la nuit... puis, le matin, le loup l'a mangée.*<sup>4</sup> (1938, p.51)

Não se pode vencer o lobo, alerta o Sr. Seguin, mas a imprudência não costuma levar a sério o perigo. Como chamar pelo nome e, nesse sentido, domesticar aquele que não permite o convívio com os homens?

*Comment, Blanquette, tu veux me quitter? Et Blanquette répondit:*

- *Oui, monsieur Seguin.*
- *Est-ce que l'herbe te manque ici?*
- *Oh! non! monsieur Seguin.*<sup>5</sup> (ibidem, p.50)

O reduzido número de personagens favorece os diálogos. Apesar da alternância de vozes e a reduzida extensão, ou justamente por esse motivo, o efeito da leitura traz impactos consideráveis.

Intensas emoções acompanham as peripécias de Blanquette. Findo o acalorado debate com seu patrão, a cabra escapa pela janela involuntariamente deixada aberta, passando então aos riscos da liberdade. Sua fuga viabiliza a aproximação dos leitores com as belas descrições da montanha – palco de suas últimas horas, em que tem lugar uma sorte de acerto de contas entre a vida, aproveitada de um grande fôlego, e a morte abrupta, descrita em uma única linha após o severo (mas ineficaz) combate contra o lobo.

A presença do narrador é evidenciada ao longo de toda a narrativa, favorecendo ao texto um tom de intimidade e de “pseudomoralismo”. A sensação da cabra “Blanquette”, quando distante da propriedade rural do Sr. Seguin – crendo-se tão grande em relação ao que enxergava sua óptica –, é de ter alçado o mais elevado patamar conquistado por um ser de sua espécie.

A fuga ao cercado traz o recompensador encontro com um faustoso mundo de delícias que só poderiam ser encontradas no alto da montanha. É lá que a cabra se deleita, realizando cabriolas que reforçam pelo avesso seu caráter combativo, em meio à carícia das plantas e dos animais.

Os elementos chegam aos pares. Ao cativeiro opõe-se a liberdade; à inocência, contrapõe-se o castigo. Assim como nas fábulas de La Fontaine, ao lado do homem supostamente racional vislumbra-se o animal raciocinante.

A coletânea apresenta contos de resistência contra os artificialismos e as leis de conveniência, tão cultuadas em sociedade. A cabra optara por viver em meio ao universo das plantas, ciente de que o êxito se condicionava à fuga. Blanquette ansiava pela liberdade de viver (ainda que

4 “Sabes da pobre velha Renaude que estava aqui, no ano passado? ... Ela lutou com o lobo toda a noite... depois, na manhã seguinte, o lobo a comeu.”

5 “Como é, Blanquette, queres tu me deixar? E Blanquette respondeu: – Sim, Sr. Seguin. / – É grama que te falta, aqui? / – Oh, não, Sr. Seguin!”

para morrer em seguida) longe da proteção em forma de grade, protestando ante a injunção prevista na relação entre pastor e cabra, pautada pelo domínio do homem sobre o animal.

Alphonse Daudet transitou entre o Segundo Império de Napoleão III e a Terceira República,<sup>6</sup> dado que aponta a aparente divergência de direções entre escritor e país: a França convivia com resquícios dos mais conturbados momentos de sua história, sacudida por violentas conturbações promovidas pelas acirradas disputas entre as classes sociais – agravadas no século XVIII – que perduraram ao longo do século XIX. Foi justamente em meio a essa turbulência que o autor publicou seus contos (*Lettres de mon moulin* e *Contes du lundi*) e romances (*Le Petit Chose*, de 1868, *Tartarin de Tarascon* e *Sapho*) – obras realistas e, ao mesmo tempo, repletas de fantasia.

Mas não havia fantasia em Daudet que não estivesse vinculada à realidade de seu tempo. Enquanto a França avançava e Paris inflava-se de habitantes, o escritor, nascido em uma vila ao sul do país, brincava de elogiar os animais, chamando a atenção dos homens para o comprometimento com a terra: pedaço de chão, território, e por extensão, ao enraizamento, à manutenção da identidade – questões provavelmente menosprezadas pelos cidadãos da capital, fascinados na ocasião pela vida cosmopolita.

A cabra parece espelhar essa incompatibilidade. Além de chocar-se verbalmente contra seu proprietário, foge. O animal age com resolução. “Não”, diz Blanquette à vida convencional – feita de pasto farto e pontualmente servido, porque enfeitada com uma correia ao pescoço.

A leitura resvala para um labirinto de questionamentos que poderia ser sintetizado em singela dicotomia: viver na infelicidade ou morrer de contentamento. Questão irrefragável, como muitos dilemas enfrentados por homens e animais, a liberdade (ou a sensação de liberdade) tem seu preço.

Largar a correia e a comida simboliza um desejo universal, mas almejado por um animal local em contexto apartado da civilização: degustar o renovado território de experiências sugestivamente localizado na montanha – local que permite a aparente supremacia de Blanquette ante as limitações de sua vida: homens, casas, prisões – franca ironia aos pilares da civilização.

Vida diminuta, apequenada, pelo menos da óptica do animal que desloca de maneira ingênua sua própria perspectiva, francamente iludido pela conquista espacial da montanha – local desprovido da estrutura, ainda que limitante, proporcionada pela antiga vida no cercado. A destemida Blanquette assumira os riscos de se opor ao conveniente modo de vida dos animais domesticados.

O momento em que a cabra foge de seu pastor divide o conto em duas partes de dimensões similares. Inaugura-se, a partir de então, uma série de descrições sinestésicas. O segundo ato revela os contatos de Blanquette com um rol de experiências comuns à vida de uma cabra liberta, num

---

<sup>6</sup> Napoleão III governou entre 1852 e 1870 – a Terceira República se deu a partir de 1870. A França vive atualmente sua Quinta República.

desfile de cores, cheiros e sabores intensificados pelo reduzido número de horas: gustação, visão, paladar, prazer, num controverso atropelo da maturidade, que mal se avizinha do animal pouco antes de seu sacrifício. Sua chegada ao topo da montanha revela o júbilo do animal em contraste com o aparente mau juízo do narrador, que se identifica com o homem precavido que ficou na planície:

*Une fois, s'avançant au bord d'un plateau, une fleur de cytise aux dents, elle aperçut en bas, tout en bas dans la plaine, la maison de M. Seguin avec le clos derrière. Cela la fit rire aux larmes.*

*Que c'est petit! dit-elle; comment ai-je pu tenir là-dedans? Pauvrette! de se voir si haut perchée, elle se croyait au moins aussi grande que le monde...<sup>7</sup> (Daudet, 1938, p.53)*

Imaginar-se, crer-se tão grande quanto aquilo que se enxerga é, na certa, um golpe de vista que todos os seres humanos terão vivenciado, especialmente, quando crianças ou adolescentes.

A palavra “conveniência” abrange servilismo, vida regrada, obediência a padrões de comportamento. Blanquette anseia por liberdade; o animal argumenta. Evidencia-se que Alphonse Daudet não se referia restrita e especificamente às atitudes de uma cabra. É provável que, ao personificar o animal, o contista estivesse não somente lapidando o aspecto fantástico de seu texto, mas, associando-o – considerando os modos pouco amadurecidos de Blanquette – aos jovens de sua época. Essa afirmação é validada pela dedicatória – “A M. Pierre Gringoire, poète lyrique à Paris” – e justificada na advertência assinalada pelo autor, nas linhas iniciais do conto:

*Tu seras bien toujours le même, mon pauvre Gringoire! Comment! on t'offre une place de chroniqueur dans un bon journal de Paris, et tu as l'aplomb de refuser...<sup>8</sup> (Daudet, 1938, p.47)*

Em pauta, o preço da liberdade. Gringoire, poeta que breçou o processo de sua contratação como cronista por um jornal da época – ocupação que evidentemente seria muito bem vista, aos olhos da sociedade –, vem justaposto a Blanquette, cabra que refutara viver em um ambiente de poucas opções. Se o poeta pagou sua liberdade de cultivo aos versos líricos com o semi-anonimato, a cabra ressarcia seus anseios por viver os excessos da vida com seu brutal assassinio.

Nesse sentido, o destino reservado a Blanquette constitui pseudo-advertência aos jovens leitores – pseudo, porque a opinião de Daudet, como membro do *Félibrige*, certamente não seria exatamente essa.

Daudet nivela o homem ao animal, ambos sujeitos a padecer com os reverses decorrentes de suas resoluções, fossem elas consideradas radicais ou não. Percorrendo o caminho da pretensa autonomia, a cabra manteve-

7 “Certa vez, avançando em direção à borda do planalto, com uma flor de cíto nos dentes, vislumbrou lá em baixo, na planície, a casa do Sr. Seguin e o cercado na parte de trás. Isso fez com que chorasse de rir. – Como é pequeno! disse ela: como pude me manter lá dentro? Pobrezinha! por se enxergar apoiada em lugar

tão alto, julgava-se ao menos tão grande quanto o mundo...”

8 “Tu serás sempre o mesmo, meu pobre Gringoire! Como! Oferecem-te uma vaga de cronista em um bom jornal de Paris, e tu ousas refutar...”

se a maior parte do tempo isolada. É que a coragem de assumir atitudes ou posturas libertárias contradiz os usuais procedimentos requisitados pela coletividade.

As plantas de cores e sabores variados; a cópula com o bode; o duelo sem chance de êxito contra a morte: tudo integra o brusco e canhestro amadurecimento da cabra desditosa. A frequência com que os adjetivos são empregados atesta que o narrador está concentrado em exaltar as belezas naturais de seu pedaço de chão e, ao mesmo tempo, realçar o quadro de incertezas: liberdade e natureza *versus* certeza do aprisionamento.

O espaço é ingrediente que fundamenta a aproximação entre os leitores e as sensações vivenciadas pela cabra liberta, lépida, ansiosa por sentir o cheiro e o toque de outras flores e animais. É na montanha, em diminuto lapso de tempo, que Blanquette toma contato com um bode (oportunidade para o prazer); com os ramos das árvores, a grama, as flores; mas também com a ave de rapina que faz um rasante às suas costas e, finalmente, o lobo, ser que representa a punição: prêmio entregue à cabra por sua incoseqüência. O narrador – anteparo do próprio Daudet – está nitidamente identificado ao pastor.<sup>9</sup>

As descrições são elaboradas de tal modo que acabamos por vivenciar intensamente a trajetória do animal. Tanto Blanquette como Seguin são personagens cativantes – a primeira, por sua ingenuidade; o segundo, pelos zelos para com o animal. Daí o tom trágico, anunciado desde o início e corroborado no instante do vôo rasante do pássaro.

Natureza e personagem central que, aliás, pertence à natureza, e não ao curral, constituem algo indivisível. Enquanto Blanquette perfaz as trilhas de sua liberdade incipiente e pouco duradoura, lemos folhas e animais fazer-lhe companhia, cores e cheiros de variadas flores... Então sua morte, em desarmonia com o conjunto, sugere com eficácia o grau da advertência: fechar as portas à conveniência pode custar a sobrevivência.

As flores, todas em tons de amarelo, emolduram um quadro de pintura homogênea, construído especialmente para causar maior impacto quando desfeito, desarranjado, quebrado, matizado:

*Tu penses, Gringoire, si notre chèvre était heurse! Plus de corde ... rien qui l'empêchât de gambarder, de brouter à sa guise... C'est là qu'il y en avait de l'herbe! jusque par dessus les cornes, mon cher!... Et quelle herbe! Savoureuse, fine, dentelée, faite de mille plantes...*<sup>10</sup> (Daudet, 1938, p.52)

Do alto da montanha, a cabra ouve a trompa do Sr. Seguin. O toque da corneta e a fumaça vinculam-se à profissão e moradia do pastor, reforçando a aversão de Blanquette ao elemento artificial. Fumaça cor de cinza, feita a partir da combinação entre o branco (Blanquette...) e o negro; que se dirige obrigatoriamente ao céu: fumaça cor-de-lobo; lobo cor-de-luto.

<sup>9</sup> Cumpre lembrar que, traduzido, o título da coletânea seria *Cartas de meu moinho*. Alphonse Daudet possuía uma construção do tipo em seu nome, na Provença. Em grande parte dos contos, o narrador assume a voz do autor, dirigindo-se aos leitores como proprietário de um moinho, concedendo maior grau de "verossimilhança" aos escritos.

<sup>10</sup> "Imagina, Gringoire, como nossa cabra estava feliz! Sem corda ... nada que a impedisse de cabriolar, de pastar à vontade... Lá é que havia grama! até por cima dos chifres, meu caro!... E que grama! Saborosa, fina, rendada, feita de mil plantas..."

Prenunciado pelos tons do crepúsculo, o sangue de *Blanquette* esparrama-se em seu pêlo *branco* e felpudo, simbolizando talvez a justaposição entre luta de morte e paz; selvageria e delicadeza; frieza e ingenuidade... Resistir ao lobo é inútil, tanto quanto recusar a oportunidade de trabalhar em um grande jornal. A idéia de ser absolutamente livre ilude os jovens e enfastia os mais experientes.

Antes da batalha entre o lobo e a cabra desgarrada, o Sr. Seguin concederia nova oportunidade para que *Blanquette* retornasse. Então vislumbramos um novo choque entre artificialidade e natureza; entre a segurança e o tédio, ambos proporcionados pelo artificial.

Há instantes em que homem e animal se fundem, ao menos no nível da linguagem: pastor e cabra conversam numa língua que o narrador “traduziu” para que entendêssemos os argumentos de um e de outro – mais precisamente, o legítimo duelo travado entre razão e ímpeto.

A presença da ave de rapina – que roça o dorso de *Blanquette* no alto da montanha – resgata de algum modo a antiga crença no mau agouro, deslocando a concepção de liberdade para o plano mítico. Ora, a intenção de perseguir a liberdade, teórica ou praticamente, também remonta à Antigüidade. O ideal de ser livre constrói-se para ser destruído; e uma vez repensado, demolido novamente.

Na *Odisséia* (Homero, 1981, p.23), o encontro de duas aves motiva a advertência de Telêmaco, filho de Ulisses, às provocações de Antino – um dos pretendentes à mão de Penélope:

*– Antino, não posso expulsar de casa, contra sua vontade, aquela que me deu o ser e me criou. Ignoro se meu pai está vivo ou morto ... Mas se reputais preferível e mais digno arruinar impunemente um só homem, arruinai-o ... e veremos se Zeus punirá tais excessos; talvez então pereçais dentro em meu palácio, sem ninguém para vos vingar! ... e Zeus de altissonante voz enviou-lhe, desde o píncaro de um monte, duas águias, que voaram durante um tempo, a para uma da outra, de asas estendidas, ao sabor do vento ... Então o velho herói Haliterses, filho de Mastor, tomou a palavra na assembléia ... – Habitantes de Ítaca, escutai o que vou agora dizer; é sobretudo aos pretendentes que se dirige minha profecia, porque sobre eles está pendente uma grande desgraça. Ulisses não permanecerá por muito tempo longe dos seus...*

É sugestivo que o desejo de vida autônoma esteja associado, para a cabra, às alturas – mais especificamente à montanha, ponto médio entre o elemento mundano e o céu: o fim. Na comunhão entre abstração e concretude, liberdade e montanha vinculam negação da subserviência e ascensão – ambas matizadas pela prosa plácida, mas paradoxal e inquietante, de Daudet.

O alerta dado ao poeta Gringoire pelo narrador-autor contém em si mesmo a própria negação. Como descobrir a face correta, a decisão mais acertada, quando se está no limite da conveniência com a qual invariavelmente não há plena concordância?

Fábulas protagonizadas por animais são escritas desde a época de Esopo. Seus autores utilizaram-nas como ferramentas que visavam chamar a atenção dos humanos para suas fraquezas e carências, resguardando-se

da incômoda citação de nomes ou instituições, bem como da desconfortável tarefa de aludir a explícitos movimentos e episódios históricos.

Na primeira metade do século XX, George Orwell retomou procedimento relativamente similar para criticar o paraíso prometido por uma nova ordem mundial, comandada pelos bichos, em *Animal farm*.<sup>11</sup> Os animais de uma granja na Inglaterra, liderados pelos porcos, destituem o dono da propriedade contando viver, daí em diante, de forma mais justa.

No dia seguinte à revolução bem-sucedida, os revoltosos embevecidos experimentam a liberdade do jugo a que estavam atrelados. A opção do escritor inglês por valer-se da fábula não é a única coincidência que se pode verificar em relação ao francês: deveras curiosa é a similitude entre os trechos transcritos a partir do conto de Daudet (deixados aqui) e uma passagem do romance de Orwell (1977, p.19), amostrada a seguir:

*Acordaram, porém, de madrugada, como sempre, e, ao lembrarem-se do glorioso acontecimento da véspera, correram para a pastagem. A pequena distância, havia uma colina que comandava a vista de quase toda a fazenda. Os animais subiram ao topo e olharam em volta, à luz clara da manhã. Sim, era deles – tudo quanto enxergavam era deles! No êxtase desse pensamento viraram cambalhotas e saltaram, num arroubo de contentamento. Molharam-se no orvalho, morderam a deliciosa grama do verão, arrancaram torrões de terra e aspiraram aquele cheiro delicioso.*

No romance, os novos “senhores” (aspas minhas) assumiriam gradativamente posturas tão ou mais revoltantes que aquelas adotadas pelo homem – opressor de outrora – demonstrando quão controversas são as disputas pela liderança.

Não há disputas pelo poder, no caso de Blanquette; há uma vida efêmera feita de valente desrespeito aos limites físicos e protocolares outorgados pela conveniência. Mas a cabra está liberta; e o lobo, faminto. “*Et puis, le matin, le loup la mangea*”<sup>12</sup> (Daudet, 1938, p.57).

Em Daudet, a fusão entre a prosa e a poesia não só possibilita uma leitura vertiginosa, como também corrobora a aglutinação entre homem e animal, e mais especificamente, a dicotômica justaposição entre liberdade e obediência à convenção – conveniência ou morte.



## Referências bibliográficas

- DAUDET, A. *Lettres de mon moulin*. Paris: Nelson, 1938.  
\_\_\_\_\_. *Cartas de meu moinho*. Trad. e notas J. P. Chauvin. São Paulo: Cone Sul, 2000.
- HOMERO. *Odisséia*. São Paulo: Abril, 1981.
- MONTAIGNE, M. de. *Ensaaios*. Rio de Janeiro: Otto Pierre, 1982.
- ORWELL, G. *A revolução dos bichos*. 6.ed. Porto Alegre: L&PM, 1977.

CHAUVIN, J. P. Convenience or death. *Todas as Letras (São Paulo)*, n.5, p.39-47, 2003.

**Abstract:** *Literary expedient that retraces to the Seniority Greco-Latin, the fable was rescued by recognized names of literature – from La Fontaine to George Orwell – and often used as a mordacious instrument in favor of social and politician critical. “La chèvre of M. Seguin”, by Alphonse Daudet, is one of its more beautiful stories incased in this sort.*

**Keywords:** *Alphonse Daudet; freedom; convenience.*

